

## Prova de Coragem

O delegado Acioli era chefe da equipe de plantão, moço valente, conversador, muito simpático, não conhecia o medo, porque, na verdade, sua coragem nunca fora colocada à prova, pois jamais enfrentara uma situação de perigo real.

Certo dia recebemos, via rádio, a comunicação de um assalto a uma joalheria, localizada não muito longe do distrito. Segundo informações, fora cometido por um elemento sozinho, que portava um revólver de grosso calibre e rendera todos os funcionários, levando consigo grande quantidade de jóias e relógios e, na fuga, escondera-se em uma casa nas

proximidades, que se encontrava vazia, pois os moradores encontravam-se viajando.

O delegado Acioli prontamente acionou a equipe, tomando a frente da diligência e partiu para o local, onde supostamente estaria escondido o meliante.

Enquanto os agentes vasculhavam o andar térreo, constituído de vários cômodos e muitos esconderijos, Acioli, impaciente, subiu ao segundo pavimento da casa à procura do infrator. De arma em punho e engatilhada, adentrou o primeiro cômodo que, às escuras, parecia ser um quarto; demorou alguns segundos para adaptar seus olhos à penumbra. Ao fundo, parecia tudo normal; de seu lado esquerdo também. Mas quando Acioli se voltou para o direito, seu sangue gelou dentro das veias: acabara de vislumbrar um homem em pé, à sua frente, lhe apontando uma arma de fogo e prestes a disparar. Trincou os dentes, pois seu coração teimava em sair pela boca e disparou os seis tiros de sua arma contra o elemento, percebendo que o outro também disparava em sua direção. Já

nessa altura o delegado estava virado de frente para o seu oponente e trêmulo, já sem munição constatou que apesar de haver acertado os seis projéteis no peito do bandido, o mesmo continuava em pé e impassível à sua frente e continuava lhe apontando a arma, como se nada tivesse acontecido.

Rapidamente Acioli pensou. “Bem, eu não consegui derrubá-lo, mas ele também não me acertou.:

O pânico de Acioli era tão grande que já balbuciava trechos de orações, pronto para entregar sua alma ao Criador, sem perceber que o homem à sua frente repetia todos os seus gestos. Todos estes pensamentos ocorreram em frações de segundos, que lhe pareceram uma eternidade. Foi quando os agentes, ouvindo os disparos, correram em socorro do delegado e, ao entrarem, acenderam a luz.

O que os agentes viram, inclusive C.R.P., jamais será esquecido. No meio do quarto estava Acioli, trêmulo, lívido, olhos arregalados e continuava empunhando sua arma, balbuciando

palavras sem sentido. À sua frente um espelho grande todo cravejado de balas.

O policial destemido estava em estado de choque e ainda não percebera que duelara com seu próprio reflexo no espelho. A equipe se viu na obrigação de conduzi-lo ao hospital mais próximo para que fosse medicado.

Por esse ato heróico, C.R.P. brindou-lhe com o carinhoso apelido de “Django”.

Desse dia em diante, Acioli nunca mais participou de qualquer diligência externa, mesmo em outros distritos em que trabalhou posteriormente.